

A COBERTURA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAS PERIFÉRICAS NO JORNALISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO DE CASO DA REVISTA CULT

THE COVERAGE OF PERIPHERAL CULTURAL MANIFESTATIONS IN BRAZILIAN JOURNALISM: A CASE STUDY OF CULT MAGAZINE

Filipe Norberto Ribeiro Soares¹

Cintia Cerqueira Cunha²

Resumo: O presente artigo pretende fazer uma análise da edição 183 - do mês de setembro de 2013 - da revista cultural de circulação nacional chamada Cult. Perpassando por discussões a respeito de preceitos expostos pela indústria cultural e formas de coberturas realizadas pelo jornalismo cultural, objetiva-se analisar como são representadas as manifestações tidas como periféricas no jornalismo brasileiro, sobretudo na revista Cult. Embora o periódico faça alusão ao rap, ao funk carioca e ao tecnobrega, o estudo trará um detalhamento histórico, político e social somente sobre o primeiro por ser o estilo de maior representação na capa da revista e também para centralizar a análise em busca de

1 Estudante de Graduação. 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba (UNIUBE)

2 Estudante de Graduação. 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba (UNIUBE)

melhores resultados.

Palavras-Chaves: Cult; indústria cultural; manifestações periféricas; rap

Abstract: This article intends to analyze the 183rd edition - of September 2013 - of the cultural magazine of national circulation called Cult. Passing through discussions about precepts exposed by the cultural industry and forms of coverage carried out by cultural journalism, the objective is to analyze how manifestations considered peripheral are represented in Brazilian journalism, especially in Cult magazine. Although the journal alludes to rap, carioca funk and tecnobrega, the study will bring a historical, political and social detail only on the first one because it is the style with the greatest representation on the magazine's cover and also

to centralize the analysis in search of better results.

Keywords: Cult; cultural industry; peripheral manifestations; rap music

INTRODUÇÃO

Enveredar pelos campos do Jornalismo Cultural no Brasil é lidar com um objeto de estudo pouco definido e ainda muito marcado pelos lugares comuns de retratações e análises simplistas. Para não incorrer nesse mesmo equívoco, o presente artigo pretende fazer - antes de adentrar na discussão do jornalismo cultural no país e fazer o estudo de caso proposto - um percurso por entre as variadas significações e abrangências etimológicas da palavra “cultura” em variadas épocas e civilizações. Tal postura pode parecer demasiado pormenorizada,

entretanto será ela a responsável pela demarcação dos parâmetros teóricos seguidos sempre que se falar em cultura no decorrer do presente estudo.

A palavra cultura, ou melhor, cult, aparece no vocabulário inglês em meados de 1917, com o sentido adquirido do termo francês culte, que tem por significado “culto, veneração, devoção”, e esse vernáculo deriva do latim cultus utilizado em referência a “culto, cultivado”. Portanto, na língua inglesa, o termo denomina o ato de culto e veneração religiosos ou mesmo a um objeto, ideia ou sujeito dono de grande admiração por parte das pessoas. É nessa acepção que se encaixa a significação adotada pela língua portuguesa para a palavra cultura (ou para sua abreviação Cult, como será visto adiante quando abordarmos especificamente a escolha do nome do periódico

analisado) que é utilizada para indicar informalmente aquilo que é cultuado nos meios intelectuais e artísticos. (SILVA, 2006)

Seguindo-se as concepções de cultura acima expostas, um jornalismo cultural efetivo seria aquele capaz de proporcionar o diálogo construtivo das diversas produções culturais, ou seja, entre as relações produtoras de sentido entre os seres humanos e os meios onde habitam. Por ora, porém, não se deve adiantar o assunto que será apresentado posteriormente em um tópico específico. Cabe ressaltar apenas que os ambientes culturais nacionais e internacionais mostram-se sempre em constantes mudanças e adaptações e ignorá-las seria incorrer em uma comunicação centrada apenas no plano hegemônico das manifestações culturais, deixando de lado a contribuição milionária

das representações “periféricas” – que, por sinal, estão timidamente adentrando cada vez mais ambientes e estratos sociais mais aristocráticos. E um exemplo disso é a capa da edição 183, do mês de setembro de 2013, da Revista Cult, que traz a figura do rapper K leber Cavalcante Gomes, cujo nome artístico é Criolo Doido.

Fato que pode ter passado despercebido por muitos leitores da revista e também por pedestres que cruzam frequentemente bancas de revistas, a ilustração de uma cultura tida como “periférica” na página de maior destaque de um periódico cultural de circulação nacional constitui-se em relevante material de análise sobre o comportamento da editoria no país face aos movimentos sociais e os jogos de poderes nacionais.

Entretanto, para que se possa discutir a capa da edição

183 da revista Cult, valendo-se de designações tais quais hegemônico, periférico e outras que delas derivam, será necessário um tópico explicativo a respeito da indústria cultural e a importância de seus preceitos (seja para endossar suas vertentes de análise, seja para questionar sua visão aristocrática da cultura) para uma discussão produtiva. E é com essa explanação teórica que iniciaremos no tópico seguinte.

INDÚSTRIA CULTURAL

O termo indústria cultural foi utilizado pela primeira vez no livro *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947, pelos estudiosos da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer. (ADORNO apud COHN,1987) Ao cunhar a expressão que viria a povoar as discussões acerca das produções

artístico-culturais, Adorno e Horkheimer pretendem evidenciar a degradação provocada pelo poder do capital nessas produções. Segundo eles, a produção em série de bens culturais provocaria a consequente perda de valores e significações simbólicas que a arte de outrora possuía.

É o que COHN (1987) expõe ao evidenciar as palavras de Theodor Adorno:

a indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior. Com o prejuízo de ambos. A arte superior se vê frustrada de sua seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior perde, através de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rude,

que lhe era inerente enquanto o controle social não era total. (ADORNO apud COHN, 1987, p.287-288)

Como se pode notar, os pesquisadores tratam os agentes culturais como consumidores, o que evidencia o valor que dão ao poder do capital na relação de produção e divulgação de bens artísticos e culturais. Ainda segundo os membros da Escola de Frankfurt, haveria uma distinção clara entre a arte superior e a inferior, sendo a primeira mais aristocrática e condizente com os poderes vigentes e a segunda de resistência e combate às circunstâncias que lhe são impostas.

Teixeira Coelho (1985) cita em seu livro sobre a indústria cultural a distinção dos produtos culturais feita por Dwight MacDonald. Segundo MacDo-

nald, existem três formas de manifestações culturais: a superior; a média (midcult) e a de massa (dita “inferior”). A rotulação de cultura superior abrangeria todos os produtos canonizados pela crítica erudita, como as pinturas do Renascimento, as composições de Beethoven, etc. A cultura média (ou midcult), como o próprio nome já sinaliza, abrange as obras intermediárias entre a cultura superior e a de massa, ou seja, trata-se de um modelo de produção superior cujas influências da indústria cultural já se mostram evidentes, transformando seus requisitos e valores de uma certa forma que não permitem que ela possa ser considerada superior. Como cita COELHO (1985), é o caso de Mozarts executados em ritmo de discoteca, as escolas de samba, etc. Por outro lado, a cultura de massa abarcaria as representações artístico-culturais dire-

tamente influenciadas pelo poder do capital e suas exigências de mercado, valendo-se menos de valores simbólicos que de expectativas financeiras e econômicas. É o caso da grande maioria dos programas televisivos apresentados em rede de transmissão aberta. (COELHO, 1985)

Embora o parágrafo anterior pareça traçar uma divisão distinta entre os três tipos de manifestações culturais expostas por Teixeira Coelho, na prática a classificação é dificultada pela natural alteração dos valores transmitidos pelas produções culturais e pelo surgimento de novas representações que não necessariamente enquadram-se especificamente em apenas uma das classificações propostas. Mesmo que se possa rotular um produto como pertencente à cultura superior, média ou de massa, esse mesmo produto pode sofrer

mutações vindas do meio ou do interior do processo de produção que farão com que ele migre para outros níveis ou siga eternamente transitando entre eles.

Semelhante fusão e troca de elementos dos três tipos de cultura apresentados anteriormente é observada quando se destacam algumas publicações culturais do país. É o caso da edição 183 da revista *Cult* que trouxe, em sua capa, a figura de um rapper brasileiro conhecido como Criolo. Uma vez que a revista tem a característica de geralmente trazer em seu conteúdo cientistas e pensadores renomados nacional ou internacionalmente, ou seja, representantes da cultura superior se utilizarmos a distinção feita por Dwight MacDonald e exposta por Teixeira Coelho, a aparição de uma cultura tida como periférica e de massa merece atenção e esforço

de estudo para responder não só a questões sobre o porquê da aparição e quais teriam sido as motivações mas também para se discutir a possibilidade de penetração de culturas periféricas em ambientes anteriormente avessos a produções não caracterizadas como superiores ou médias.

A discussão é interessante e mostra-se produtiva para os propósitos do presente artigo, porém, antes de adentrarmos no campo de discussão da revista *Cult* e da capa mencionada, faz-se necessária uma contextualização sobre o jornalismo cultural no Brasil e suas principais características e premissas.

JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL

Mais que uma ramificação do jornalismo que tem como objeto de estudo a cultura, seja

ela local, nacional ou mundial, o Jornalismo Cultural é visto no meio jornalístico como um dos mais amplos e complexos. Ele trata não só de entender as diferentes culturas, como também de transportá-la nos meios de mídia para que possam ser transmitidos, de forma igualitária, a todos os receptores.

Em um mundo de tão variadas culturas, todas com a mesma importância, não se pode ser leviano e ou etnocêntrico ao falar desse tema nos meios de comunicação. Todo profissional do jornalismo que trata desse assunto deve ser cauteloso ao julgar ou privilegiar certa cultura em detrimento de outra e, para isso, é preciso conhecer e se possível vivenciar o objeto de estudo antes de relatar.

Tento em vista a importância do Jornalismo Cultural e a sua responsabilidade em infor-

mar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais junto à sociedade, os

estudiosos do assunto afirmam que a mídia, além de exercer uma grande relevância quando se trata do assunto, também tem o „poder“ de criar ou destruir ciclos culturais.

É o que GOMES (2005) ressalta quando diz que “cada novo meio de comunicação propicia o aparecimento de um correspondente ciclo cultural, pois as mídias são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar”. (GOMES, 2005, p.6)

O Jornalismo Cultural também é objeto de consumo. O assunto arrebatou adeptos fiéis que cada vez mais procuram saber e se interessam pelas diferentes vertentes do ramo. No jornalismo, a cultura já ganhou espaço

definitivo nos magazines, impressos e na internet. Atualmente, já existem revistas e jornais, além de milhares de páginas na rede especializadas em cultura e em todos os seus rumos, como é o caso do material apresentado neste artigo.

REVISTA CULT

A revista Cult surgiu no dia 21 de janeiro de 1997, sob a responsabilidade do editor Manuel da Costa Pinto e a direção de Paulo Lemos. Publicada pela Editora Lemos, posteriormente pela Editora Bregantini, a revista tem periodicidade mensal.

Para entender a área de abrangência da publicação e a concepção de cultura que ela tem, a análise do próprio nome do periódico dá mostras do perfil da revista, embora traga algumas contradições, como será visto.

Como exposto na introdução do presente estudo, a origem da palavra cultura está ligada ao vocabulário latino *cultus*, que atribui valor de culto e veneração religiosos a algo ou alguém. Como língua latina que é, o português traria embutido na significação de sua palavra “cultura” também os preceitos de culto e veneração, mas extrapolaria o âmbito religioso e reconheceria a possibilidade de se cultivar obras e autores nos meios artísticos e culturais.

Trazendo a discussão etimológica para a escolha do nome do periódico Cult, como ressalta a pesquisadora Fabiola Alves da Silva, que estudou pormenorizadamente a revista Cult, “o ato deliberado de fratura do vocábulo “cultura” serviu para atribuir ambiguidade ao nome da revista, conectando-o ao âmbito cultural e colocando-o em sinto-

nia com a atualidade” (SILVA, 2006, p.12).

A constatação de SILVA (2006) vai ao encontro dos objetivos do periódico expostos por seu editor Manuel da Costa Pinto quando ele ressalta que o intuito é:

[...] ser ao mesmo tempo informativa para quem tem lacunas em sua formação cultural (lacunas inevitáveis num contexto cultural tão precário) e instigante para aquela parcela de leitores que, habituados com os prazerosos labirintos da leitura, desejam ter uma visão renovada de seus temas e autores preferidos. (PINTO apud SILVA, 2001, p.4)

Percebe-se, pelas palavras acima, que o editor tem em mente a responsabilidade não só

de informar, mas também formar intelectual e culturalmente seus mais variados leitores. O desafio não parece demasiado impossível quando se leva em conta apenas o pensamento exposto anteriormente, porém, se se acrescenta mais uma definição de intenções da revista, a discussão torna-se mais produtiva e os intuítos generalizantes de CULT passam a ser questionados. O editor Manuel da Costa Pinto e o diretor Paulo Lemos destacam que:

partindo do mundo dos livros e seus autores, a CULT quer dar um retrato multifacetado do panorama cultural, um retrato necessariamente pluralista (embora seletivo) de uma realidade fragmentária como a nossa – e talvez por isso seja oportuno explicar, aqui, a idéia do nome CULT, fragmento da palavra “cultura”

que procura traduzir a instantaneidade e a rapidez caleidoscópica da comunicação contemporânea. (LEMOS & PINTO apud SILVA, 2006, p. 11)

É exatamente essa “instantaneidade e rapidez caleidoscópica da comunicação contemporânea” (LEMOS & PINTO apud SILVA, 2006, p. 11) que torna as ambições dos idealizadores da revista cada vez mais impraticáveis. Ao propor uma cobertura “multifacetada do panorama cultural” (LEMOS & PINTO apud SILVA, 2006, p. 11), tem-se a ideia de que a revista dará conta de trazer, em suas páginas, as mais variadas representações culturais do país, englobando desde as produções consumidas pela elite econômica e social (e cultural, se levarmos em conta a divisão triádica dos produtos

culturais feita por Dwight Mac Donald) até as manifestações das periferias das grandes cidades brasileiras.

Trazendo à tona novamente a caracterização das produções culturais em superior, média e de massa (ou inferior), percebe-se que o periódico Cult demonstra sim um interesse de acrescentar em seu conteúdo resultados de manifestações tidas como médias ou inferiores. É o caso da edição 183, de setembro de 2013, que traz, em suas páginas internas, além do rapper Criolo na capa, matérias sobre Sabotage, Racionais MC’s, Emicida, o ritmo tecnobrega e o funk carioca.

Mesmo dando espaço para culturas consideradas “periféricas”, a revista Cult não se abstém de retratá-las e avaliá-las sobre um prisma de hierarquia econômico-social aparente. São

visíveis as amarras que a linha editorial conserva com a arte superior quando considera a emergência de culturas alternativas exceções ao cenário cultural e não processos de reconhecimento e formação de identidades de classes sociais marginalizadas dos processos produtivos vigentes.

Ao mesmo tempo em que o periódico, ao botar os holofotes em atores de culturas “periféricas”, acabe por contribuir nas transposições das barreiras de classes sociais, as dificuldades de penetração de artistas e pensadores alternativos em ambientes aristocráticos e mais conservadores são aumentadas pela própria linguagem empregada por meios de comunicação como a Cult ao retratarem o trabalho de agentes artístico-culturais periféricos.

Antes de se estender a discussão acerca da retratação

das diferentes culturas nas páginas do periódico analisado, valer-se-á de um tópico para melhor compreender uma dessas produções periféricas – o rap – e, posteriormente, retornar-se-á à discussão dos méritos da revista, dessa vez focando-se mais na edição 183, já que ela é o estudo de caso proposto no presente artigo.

RAP BRASILEIRO: CRIOLO

Segundo estudos realizados por Rogério de Souza Silva em sua tese de Doutorado, o rap teria surgido em meados dos anos de 1960, na Jamaica. Ao som do rap, mestres de cerimônias faziam letras sobre a violência nas favelas de Kingstom, capital do país caribenho. (SILVA, 2012)

Quanto à postura social e política da manifestação surgida na Jamaica:

O MC/raaper e o seu estilo musical, o rap, são herdeiros de uma tradição da cultura de luta e resistência que se propagou para o mundo a partir da diáspora africana e imigração latina. Do final do século XVIII ao alvorecer do século XX, a música dos afrodescendentes e latinos tem sido utilizada como um importante elemento aglutinador da cultura negro-mestiça nas Américas. Ela difundiu hábitos, preservou tradições e consolidou costumes. (SILVA, 2012, p. 42)

Por esses motivos e características, o rap africano viria a se adaptar muito bem às necessidades de expressão das populações mais carentes de recursos e mais marginalizadas. Impulsionado pelo efeito de desterritorialização

das culturas, jovens do mundo todo passaram a se identificar com o som e as rimas feitas pelo rap – rhythm and poetry (ritmo e poesia em português) – sobretudo aqueles que viviam em ambientes inóspitos e que proporcionavam poucas oportunidades de inserção cultural.

É o caso das periferias das grandes cidades brasileiras como São Paulo, Belo Horizonte, etc. Valendo-se pela insatisfação com suas vidas e aliando esse desconforto com criatividade e irreverência, jovens brasileiros denunciavam as mazelas que os impediam de progredirem socialmente, distanciando-os cada vez mais dos centros produtores tanto de produção física, material, quanto intelectual.

Foi o que fizeram nomes como Gabriel, O pensador; Racionais Mc's; MV Bill; Rappin' Hood; Emicida e Criolo,



que passaram a povoar o imaginário dos jovens moradores das áreas que eram retratadas por eles. Mas, gradativamente, essa produção, anteriormente praticamente restrita às regiões periféricas das grandes cidades, passou a adentrar em recintos outrora inimagináveis. O rap brasileiro não era mais só um instrumento de reconhecimento do valor da população marginalizada, pois sua estética musical e sua força no trato com as palavras chamaram a atenção de jovens e adultos de classes médias e altas da sociedade brasileira.

Entre chamar a atenção e cativar há, porém, diferenças. Há ainda hoje quem atribua às manifestações do rap brasileiro a adjetivação de desorganizadas e sem características próprias, além de estimular a violência. O rap, por muitos anos, foi considerado um estilo que fazia apologia

ao uso de armas e drogas. Com o tempo, a qualidade das letras foi melhorando e hoje o estilo é considerado um forte retrato da sociedade. Por muitos anos, os adeptos do rap trabalharam para a desmistificação no que tange à criminalidade no cenário do rap. Não raro, em shows desse estilo, havia presença de policiais militares e não apenas de segurança, como é comum e obrigatório em shows de outros estilos.

SILVA (2012) responde, em seu trabalho, a esses questionamentos a respeito da qualidade e da autenticidade das produções do rap:

não cabe a acusação que o hip hop seria uma manifestação popular sem estrutura, lógica interna e linguagem. Muito ao contrário, como procuramos mostrar, as suas características se consolidaram e influenciam diver-

sas manifestações culturais, até mesmo aquelas que se situam no Monte Olímpio da alta cultura. (SILVA, 2012, p. 52)

Prova disso é o crescente espaço que rappers brasileiros têm ganhado no cenário brasileiro e mundial. É o caso de Kleber Cavalcante Gomes, de 38 anos, conhecido artisticamente como Criolo. Filho de mãe benzedeira, que se formou em Filosofia aos 50 anos de idade, e de pai metalúrgico, Criolo começou a cantar rap em 1989. Entretanto, lançaria seu primeiro álbum de estúdio (“Ainda há tempo”) somente no ano de 2006. Em 2010, quando comemorava 20 anos de carreira, lançou o DVD ao vivo intitulado “Criolo Doido Live in SP”. Ainda no mesmo ano de 2010, lançaria o LP single “Subirusdoistiozin”.

Em 2011, era hora do

lançamento de seu segundo álbum, “Nó na Orelha”, que ficaria famoso pela diversificação do rap com ritmos como MPB, funk, soul e blues. Esse mesmo disco seria premiado no Video Music Brasil 2011 (VMB), do canal de televisão MTV, como o melhor álbum do ano e a música “Não existe amor em SP” também ganharia a premiação de melhor música do ano. No mesmo ano, Criolo ainda levaria para casa o troféu de artista revelação.

No ano de 2013, o premiado artista lançou o LP single “Duas de cinco”. As produções seguem a mesma fórmula que o ajudou a consagrar-se no cenário musical nacional e internacional. Por esses e outros motivos, Criolo foi capa da edição 183 da revista Cult, de setembro de 2013. Por sintetizar e instrumentalizar emoções sentidas e compartilhadas não só por moradores de

regiões periféricas, mas também por qualquer ser humano envolto em preocupações de vidas cada vez mais complexas, Criolo e seu trabalho chegaram à página de maior destaque de um periódico cultural de respeito no Brasil. E isso é o que veremos especificamente no estudo de caso a seguir.

ESTUDO DE CASO

O estudo de caso do presente paper levará em conta a edição 183 da revista cultural de circulação nacional denominada Cult. A revista possui ao todo 68 páginas de conteúdo, porém, serão analisadas, além da capa, 19 delas. O menor número corresponde à quantidade de folhas que fazem referência direta ou indireta ao gênero musical conhecido como rap e às manifestações artístico-culturais ligadas a ele.

Iniciando o estudo pro-

priamente dito, a capa da edição 183 traz uma fotografia do rapper Criolo ao lado das palavras destacadas de sua entrevista: “Pra cada rap escrito, uma alma que se salva”. Logo abaixo, tem-se a chamada para um dossiê sobre o rap, o funk e o tecnobrega. Ainda na capa, uma chamada com fonte destacada pelo tamanho e pelo negrito aponta para uma discussão que vem bem ao encontro do tema abordado no presente estudo: “A linguagem da periferia cria uma nova estética que modifica a agenda da elite cultural do país”.

Feita a retratação da capa do periódico em questão, parte-se para a análise do conteúdo interno da produção. A entrevista com o cantor Criolo, assinada por Marcus Preto, é ilustrada por várias fotos e toma oito páginas da publicação (páginas 06 a 13). Embora seja extensa, per-

cebe-se que a abordagem apenas passa, de relance, pela discussão do papel das manifestações culturais tidas como periféricas e a possível invasão dela nos meios da elite cultural do país. Quando questionado sobre a ponte que teria feito entre o universo real do rap e outros gêneros musicais, Criolo oferece uma resposta evasiva e demais metafórica, que acaba apenas tangenciando o abrangente interesse do jornalista pela fusão de estilos não só musicais, mas também culturais, que poderiam romper barreiras de classes e ambientações sociais pré-estabelecidas. Percebe-se ainda um discurso que prega a legitimação e valorização do rap nacional somente quando ele obtém êxito em estreitar laços com gêneros musicais mais hegemônicos no país. É o que evidencia a pergunta feita pelo repórter durante a entrevista: “Você criou

uma relação, inclusive afetiva, com outros nomes que fizeram a história da música e da sociedade brasileira, como Milton Nascimento e Caetano Veloso. Como essa relação se dá?” (CULT, 2013, p. 12)

O restante da conversa aborda, sobretudo, questões como a violência nas periferias das grandes cidades, manifestações populares recentes e sucesso de determinadas músicas do artista, ausentando-se de um levantamento de indagações acerca da convivência entre os diversos níveis de produção cultural do país.

Posteriormente, na página de número 24, inicia-se o dossiê a respeito da linguagem da periferia e a incorporação dela na cultura brasileira. O texto de apresentação traz um interessante convite ao pensamento ao chamar gêneros musicais como

rap e funk de nova Música Popular Brasileira, estabelecendo um contraponto com a antiga e aristocrática MPB. Mais do que trazer as manifestações dessa nova MPB como o grito de socorro de coitados e injustiçados, a publicação procura retratá-las como crescentes representações culturais do país que não podem e não devem mais ser ignoradas ou analisadas pejorativamente.

O primeiro artigo do Dossiê (“As três vidas do rap”, páginas 26 a 29), assinado por

Jotabê Medeiros, esboça um breve histórico do rap nacional e, mais uma vez, coloca-o frente a frente com gêneros mais bem aceitos pela elite cultural brasileira. Como cita o artigo, o rap nacional é tão efetivo quanto obras de Chico Buarque; Gilberto Gil; Caetano Veloso; Geraldo Vandré e outros no combate a desmandos governamentais e

mazelas sociais latentes na sociedade brasileira. Porém, o rap ainda sofre com o preconceito dos meios mais conservadores, que não veem legitimidade no trabalho engajado de diversos grupos de rap e hip hop nacional. O próprio fato de comparar a efetividade das letras das produções de rap com produtos da antiga MPB traz à tona mais uma vez a relativização cultural consciente ou inconscientemente feita pelos redatores da revista Cult. Ao extrair um trecho da matéria que retratada o estilo musical de Criolo, pode-se exemplificar a constatação feita na sentença anterior: “Triturando afrobeat, soul, samba, reggae e até bole-ro, Criolo arrombou fronteiras classistas nas platéias de hip hop – hoje em dia, é difícil discernir o público dele de uma plateia do grupo americano Kings of Leon” (CULT, 2013, p. 27)

Por esses tipos de concepções que partem do que é produzido pela elite cultural para as culturas periféricas ou, quer seja pela linguagem mais direta (e violenta), quer seja pela estética musical, esse gênero segue sendo periférico, embora cada vez mais pessoas mostram-se simpáticas à sua retórica e demonstração menos enfeitada da realidade brasileira em áreas periféricas. Isso acontece em virtude da insistência de se colocar lado a lado produções culturais que não possuem necessariamente características em comum.

Ainda dentro do Dossier, a matéria “Fora do Cânone” (páginas 38 a 41), assinada por Amanda Massuela; Helder Ferreira e Mariana Marinho, é a que mais próximo chega de uma demonstração efetiva da inserção das culturas periféricas em meios antes pouco ou nada

abertos a elas. O texto ressalta o aumento do número de teses e dissertações acadêmicas que possuem como objeto de estudo artistas, grupos e manifestações culturais marginalizadas. Ao citar teses que relacionam o funk carioca à representação feminina no Rio de Janeiro ou traçam trajetórias sociais e intelectuais de rappers como Mano Brown, a revista tece um discurso não só de inserção social das mais variadas formas de representação artístico-culturais do país, mas também contribui para que o leitor reconheça o poder das culturas periféricas como produtoras de sentido ou, pelo menos, passe a pensar sobre o assunto. Porém, a mesma dependência do parâmetro inicial de comparação ligado às produções artísticas e intelectuais da elite cultural que é vista nas análises anteriores salta aos olhos também nesta matéria. Um

trecho da redação da matéria explicita a prevalência dos preceitos da elite cultural em detrimento das manifestações periféricas: “Após estudar os clássicos da área e fixar a ideia de que as teorias e conceitos aprendidos deveriam ser aplicados na análise da realidade atual, ele se aprofundou no estudo das periferias urbanas brasileiras” (CULT, 2013, p. 40)

E, finalmente, encerrando o Dossiê (página 42), Cult divulga o lançamento da primeira biografia de um rapper brasileiro por meio de uma resenha assinada por Mariana Marinho. O artista retratado no livro de Toni C. é Mauro Mateus dos Santos – o Sabotage. Por se tratar de um texto de apresentação de uma obra, a produção de Mariana não contribui diretamente para a discussão da inserção de culturas periféricas em cenários anteriormente inhóspitos. Ao evidenciar, porém,

o lançamento de uma obra cujo foco é uma figura marginalizada do cenário sociocultural hegemônico, a revista não deixa de contribuir para a difusão da imagem do já falecido rapper Sabotage e das manifestações às quais pertencia em vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçar considerações a respeito do Jornalismo Cultural brasileiro não é tarefa fácil, visto que a própria cultura do país apresenta uma gama de diversidade extremamente extensa. No que tange ao periódico analisado aqui, pode-se observar uma concreta tentativa não só de retratação das manifestações culturais tidas como periféricas (como o rap), mas também de esboçar indícios da inserção dessas culturas nos cenários aristocráticos e elitistas.

Embora o periódico tenha trazido a discussão da convivência entre as diversas formas de cultura do país, o que se viu foi uma exposição que partiu de pressupostos e preconceitos pré-estabelecidos pela elite cultural, ou seja, pelas classes sociais, econômicas e culturais hegemônicas. O simples fato de emprestar 19 das 68 páginas da edição 183 à temática do rap não garantiu uma efetiva retratação isenta de valores difundidos pelos meios e culturas já consolidados no país. Como ressalta SILVA (2001), ao se estudar criteriosamente a revista *Cult*, “se constatou uma tendência maior a afirmar e sacralizar o cânone literário e cultural, que romper com suas regras”. (SILVA, 2001, p. 05)

O fato de recheiar as páginas da edição com entrevista e matérias abrangendo as significações e formas de expressões das

representações marginalizadas atende sim ao plano de ação do editor e do diretor da publicação que, segundo suas próprias palavras, visava “dar um retrato multifacetado do panorama cultural [brasileiro]” (LEMONS & PINTO apud SILVA, 2006, p. 11). Tal panorama, porém, ao menos na edição analisada, mostrou-se ainda preso a acepções culturais difundidas pelos meios hegemônicos, acenando para uma dificuldade do jornalismo cultural brasileiro em conseguir imprimir cores fidedignas às diversas manifestações socioculturais de um país miscigenado e repleto de representações autênticas.

ANEXO

Capa da Revista *Cult*, edição 183, ano 16, publicada em setembro de 2013



**REFERÊNCIAS
GRÁFICAS**

BIBLIO-

dústria cultural. In: COHN, Gabriel(org.). Comunicação e indústria cultural: leituras de análises dos meios de comunicação na

ADORNO, Theodor. W. A in-



sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade. 5.ed. Trad. Amélia Cohn. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p. 287- 95.

COELHO, Teixeira. O que é indústria cultural. 7.ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

CULT: revista mensal de cultura. São Paulo: Ed. Bregantini, n. 183, set. 2013. 68 p.

GOMES, Fábio. Jornalismo Cultural. Virtual Books, 2005. Disponível em: <<http://vamosfalar-jornalismocultural.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

SILVA, Fabiola Alves da. JORNADA DE PERIÓDICOS LITERÁRIOS — TECENDO OUTROS LAÇOS — A LITERATURA ATRAVÉS DOS PE-

RIÓDICOS II. 2001, Assis. Reflexões sobre os dois primeiros anos da Revista Cult (1997-1999). Boletim de pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2001.

SILVA, Fabiola Alves da. Revista Cult: Leituras do presente (1997-2002). 2006. Dissertação. (Mestrado em Teoria Literária) – Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, jun. 2006.

SILVA, Rogério de Souza. A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, ago. 2012.